

## APRESENTAÇÃO

Desde antes de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde oficializou o início da pandemia de Covid-19, os filósofos têm escrito sobre ela. Do mesmo modo que o Novo Coronavírus, os textos de Filosofia espalharam-se velozmente pelo mundo suscitando distintos questionamentos e tentativas de compreender esse evento global, que emergia como problema de ordem coletiva, política, científica, existencial e midiática. Inúmeros autores discutiram as implicações existenciais, psicológicas, políticas, sociais e econômicas da pandemia.

Passado o espanto do acontecimento, o que ainda há para se pensar e dizer sobre a pandemia – ou a partir dela? Quais são os novos desafios para o mundo? Já foram esquecidos os adoecimentos e as perdas coletivas ou persiste o luto ou a melancolia? O discurso da ciência tornou-se mais importante, ou dogmático, ou negligenciado? O que a pandemia revelou sobre os limites e as possibilidades da política e do imbricamento entre ciência e política? Mudou nossa expectativa em relação ao futuro, nossa inquietude diante da finitude e nossa relação com a natureza?

O dossiê 52 da revista *O que nos faz pensar* instiga-nos a pensar o pós-pandemia. Em “Notas sobre o tempo e o luto no mundo pós-covid”, Carla Rodrigues discute, a partir da noção de “novo tempo do mundo”, as transformações materiais e subjetivas das formas de vida pós-covid e, a partir de Butler, reflete sobre o desafio de encontrar um caminho para o luto diante das perdas coletivas – em seu entender, perda de uma certa forma de existência humana. No artigo “Projeto Inumeráveis: luto e memória em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil”, Liliane Dutra Brignol e Sabrina Rodrigues Cáceres prosseguem a análise sobre as experiências de luto em relação à pandemia. A partir do projeto Inumeráveis, discutem as manifestações do trabalho de luto, a construção de memórias coletivas, assim como de uma memória nacional e política.

No artigo “O que resta da pandemia: tecnologia e ecologia no século XXI”, Pedro Duarte reflete sobre a pandemia enquanto acontecimento revelador da situação contemporânea que delineou e potencializou as duas principais preocupações deste século: a tecnologia e a natureza.

Em “O dilema biopolítico: negacionismo biopolítico e reapropriação biopolítica”, Ádamo Bouças da Veiga, focando na gestão da pandemia, contrasta duas posturas diante da biopolítica contemporânea, destacando que a estratégia proposta por Agamben conduz a uma necropolítica suicidária, enquanto a postura de Preciado apresenta resistências à biopolítica contemporânea. No artigo “Vida neoliberal e imaginário antineoliberal”, Juliana Ortigosa Aggio ressalta a perda histórica de certas vidas na pandemia da Covid-19, argumenta que a crise atual deriva do modo de vida neoliberal e sinaliza formas de resistência através de um imaginário antineoliberal.

Ivan Ferreira da Cunha, Emmanuel Fernandes e Thalyta Bertotti, em “Os modelos de Átila: um estudo sobre filosofia e divulgação da ciência”, analisam as transmissões de Átila Iamarino nas redes sociais e os modelos adotados para produção do seu conteúdo, refletindo sobre o papel político da divulgação científica e o papel da filosofia na educação científica.

No artigo “Escuta, estímulo e distração: os impactos neurológicos da pandemia na memória e apreciação musical”, Braulyo Antonio de Oliveira e Thiago de Almeida Menini argumentam que a Covid-19 molda biologicamente nossos corpos, adaptando-os às exigências do regime de atenção-memória contemporâneo, ao mesmo tempo em que bloqueia a escuta requerida pela música de vanguarda e pela tradição erudita.

Para fechar o dossiê, em “Vozes do passado, vozes para o futuro”, Manuela Rodrigues Fantinato traz a hipótese de que a pandemia pode representar uma ruptura em nosso cronótopo de tempo histórico, o que pode ser captado pela experiência dos idosos.

Completam a edição, mais cinco artigos na seção *varia*. Gabriel Debatin, em “Uma ontologia fraca: Heidegger e a obra de arte à meia-luz da verdade”, busca conferir respaldo teórico para justificar uma ontologia fraca, partindo da abordagem fenomenológica de Heidegger sobre a obra de arte. Pedro Sússekind, em “Destino dado. As formas do amor em *Grande Sertão: Veredas*”, analisa a trama amorosa do romance de Guimarães Rosa, mostrando sua articulação com a trama épica e com o desenvolvimento de uma dialética entre dois extremos.

Em “Freud e a experiência da ficção”, Bernardo Barros de Oliveira analisa a questão da atividade psíquica do leitor/espectador na psicanálise freudiana, mapeando lacunas deixadas por Freud e trazendo contribuições para o preenchimento dos vazios teóricos identificados. Deborah Spiga, em

“A desconstrução como abertura polifônica e relacional em Jean-Luc Nancy”, discute como o movimento da desconstrução se estrutura em Jean-Luc Nancy enquanto movimento de desfecho e abertura dos aparelhos conceituais. Por fim, no artigo “Pedro Costa: destruição, ciência-ficção e realidade”, Nuno Crespo se debruça sobre o cinema e o método de Pedro Costa, identificando uma disciplina da atenção que se transformaria em dispositivo poético.

Boa leitura!

Camila Calado